

BEATAS TROVADORAS: CANTIGA DE AMOR CORTÊS A DEUS NA EUROPA MEDIEVAL

TROUBADOURS BEGUINES: LOVE SONGS TO GOD IN THE MIDDLE AGE EUROPE

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p6-11

Resumo

No século XII, um grupo de candidatas ao matrimônio encontra suas opções restritas pelas Cruzadas. Viúvas, jovens que tiveram seus pretendentes mortos em batalha, moças de famílias que possuíam dotes para casar uma filha, passam a procurar a diocese de Liège. Esta aceita a presença destas mulheres sem obrigá-las aos votos. Com trânsito livre entre o universo mundano e o religioso, absorveram a cultura de ambos. Algumas beatas do século XIII provocaram a Igreja, graças à escrita de obras que revelavam um amor ilimitado a Deus, afastando-se da tradição da mística nupcial. Confessaram seus sentimentos divinos, aproximando-se da linguagem do amor cortês, assumindo o papel reservado aos trovadores. Nos propomos a analisar trechos das obras de Marguerite Porete, Beatriz de Nazaret e Matilde de Magdeburgo. Seduzir a Deus e dar-Lhe um aspecto humano, fez com que estas mulheres fossem acusadas de heresia, condenadas à fogueira e tendo seus escritos silenciados.

Palavras-chave: Idade Média. Mística. Gênero.

Abstract

In the twelfth century, a group of candidates for marriage finds their options limited by the Crusades. Widows, young ladies who had their lovers killed in battle, families of girls who had dowries to marry just one daughter sought the monastery of Liège. This monastery accepts the presence of these women without obliging them to vote. With freedom to live between the mundane and the religious world, they absorbed the culture of both. Some of the thirteenth-century beguines had problems with the Church as a result of their writing works that revealed a limitless love to God, diferente from the Bridal mystical tradition. They confessed their divine feelings, approaching the language of courtly love, taking on the role reserved for troubadours. We propose to analyze excerpts from the works of Marguerite Porete, Beatriz de Nazaret and Matilde of Magdeburg. Seducing God and giving Him a human aspect had made these women be condemned to death, silencing their writings.

Keywords: Middle Age. Mystics. Gender.

Karine Rocha

Doutora em Teoria da Literatura(UFPE). Professora da UFPE

E-mail: karinerocha79@yahoo.com.br

No século XII, um grande número de mulheres candidatas ao matrimônio encontra suas opções restritas pelas Cruzadas. Viúvas, jovens que tiveram seus pretendentes mortos no território dos ditos infiéis, além de moças pertencentes à famílias que só possuíam dotes para casar uma filha, passam a procurar a diocese cisterciense de Liège. Muitas não tinham dinheiro para custear a vida no claustro e nem preenchiam os requisitos estipulados pela Igreja, mas sentiam uma forte necessidade de amparo. A diocese de Liège decide acolher estas jovens, mas sem obrigá-las a fazer os votos. Assim, por um motivo ou outro, estas mulheres levavam a vida sob uma perspectiva religiosa, mas com maior liberdade que as freiras. No início este movimento é formado por mulheres provenientes da aristocracia, que não possuíam nenhuma possibilidade de seguir um ofício, como as pertencentes à classe inferior. Só a partir do século XIII, o movimento passa a aceitar mulheres pobres.

A rotina destas mulheres, que eram comandadas por uma *magistra*, se dividia entre os horários de oração no mosteiro, estudos religiosos e a prestação de serviço nos hospitais e leprosários. Para se manterem, muitas delas, conhecidas como santas na Idade Média, vendiam artesanatos, roupas e algumas mendigavam pelas estradas. À medida que o movimento ultrapassa a região do Flandres, a prática da mendicância passa a ser abolida por elas, mas o caráter deste modo de vida se mantém inalterado:

Não tinha nenhuma regra definida, movimento fundamentalmente de mulheres, não reivindicava a autoridade de nenhum santo fundador, não buscava a autorização da Santa Sé, não tinha organização nem constituição, não prometia benefício, nem usava patronos; seus votos eram uma declaração de intenção não, um comprometimento irreversível a uma disciplina imposta pela autoridade, e seus membros podiam continuar suas atividades normais no mundo. (LIBERA, 1999)

Além de todas estas regalias, os membros deste movimento poderiam abandonar o trânsito entre a vida religiosa e mundana a qualquer momento para se casar. Muitos representantes do alto clero passam a enxergar com maus olhos este agrupamento sem regras, formado por senhoras que não deviam obediência a homem algum. Estes olhares insatisfeitos batizam as mulheres santas de beguinas. O termo, de acordo com SCHWARTZ (2006), origina-se como uma forma abreviada da palavra albigenense, hereges franceses que gozavam de certa popularidade na época. A partir daí as mulheres que seguiam este estilo de vida passam a perder, lentamente, o status de santas, entre os membros do clero. O fato se agrava quando começam a surgir nos beguinatos experiências místicas. Por não serem tão estreitamente vigiadas pelo clero, como as monjas, as beguinas tiveram liberdade para divulgar seus escritos onde relatavam e interpretavam suas visões

e sensações místicas. Tomadas por uma erudição incomum para as mulheres da época, elas decidiram também divulgar o saber teológico no mundo laico, traduzindo trechos da Bíblia. Tamanha ousadia acabou culminando com uma violenta onda de perseguições. As acusações de que foram vítimas eram das mais variadas, atitudes licenciosas, preguiça, exercício ilegal da medicina, pactos com o diabo, heresia de espírito livre. As execuções e encarceramentos se seguiram por toda a Europa medieval, até que no ano de 1311, o Concílio de Vienne, sob o comando do papa Clemente V, condenou todo o movimento à excomunhão, excetuando um grupo que vivia próximo a um hospício e se dedicava a penitência.

As experiências místicas relatadas sob forma de diários e poemas de beguinas como Margarita de Porete, Beatriz de Nazaret e Matilde de Magdeburgo apresentam uma profunda experiência interior, na qual misturam os conhecimentos intelectuais ao amor, como única forma eficaz de alcançar a Deus, sem a necessidade de qualquer intermediário. A forma de experimentar a mística desenvolvida por estas beguinas pode ser interpretada como uma síntese entre amor cortês, mística nupcial e mística especulativa. A obra criada por estas mulheres medievais irá ter uma importância ainda pouco conhecida na história do misticismo cristão. Pesquisadores do século XX descobrem a influência da obra destas mulheres em expressões do mestre Eckhart e na construção da autobiografia mística de Santa Teresa D'Avila e outras freiras do mundo hispânico, por exemplo. Nestas, a influência desemboca na união com Deus através de um jogo amoroso baseado tanto no amor cortês quanto na mística nupcial.

Entregues a horas de meditação mescladas com estudos teológicos, as beguinas místicas começam a desenvolver uma produção literária que gira em torno do amor, dramático, erótico e dedicado a Deus. Para os teólogos cristãos o amor sempre se revelou como elemento de fundamental importância para a mística, tendo como raízes de sua concepção o platonismo e suas passagens sobre amor e amizade de *O Banquete*. Estas raízes serão ampliadas em Roma e Milão, por volta de 350, quando grupos pagãos debruçavam-se sobre o pensamento de Plotino, criando a identificação do Uno com a existência verdadeira e o uso da tríade Ser-Verdade-Intelecto como instrumento para a compreensão da Santíssima Trindade¹. Por volta do ano 500 um pensador sírio, conhecido pelo pseudônimo de Dionísio, amplia o pensamento neoplatônico afirmando que Deus (Uno) se manifesta por sua criação permitindo que todas as coisas possam senti-Lo e desejar a Ele unir-se. Deus teria um programa cósmico, no qual seria interpretado como o *Eros Real*. Neste termo, Eros não significaria a atração física, mas certa capacidade

¹ Esta associação com a intelectualidade é fortemente marcada nos escritos das beguinas, que explicam suas experiências não apenas através do campo sensorial, mas a partir de tratados teológicos e da leitura das Sagradas Escrituras.

de concretizar a fusão do Bem com o Belo. Uma vez tocado pela manifestação do *Eros Real*, a criatura ansiaria pela deificação de sua alma, retornando, desta forma, a Deus. Este retorno ao Criador, será explicado por Guillermo de Sanit-Tierry:

El hombre llega a ser una sola cosa con Dios, un solo espíritu, no sólo por la unidad de una voluntad que quiere lo mismo que Él, sino por una virtud más profundamente verdadera cuando no puede querer nada distinto (...) Como el Hijo con el Padre y el Padre con el Hijo (...) el hombre de Dios merece llegar a ser, no Dios, pero sí lo que Dios es; llegando el hombre a ser por gracia lo que Dios es por naturaleza. (SAINT-TIERRY In: <http://www.monasterioescalonias.org/oracion/216-oraciones-y-meditaciones-de-guillermo-de-saint-thierry-lo-oracion.html>)

Chegar a “ser o que Deus é” nos leva a concluir que a alma pode ser deificada. Os místicos cristãos pregavam que a alma não é divina por criação, mas pela caridade / amor de Deus. Esta linha de raciocínio se baseia no conceito de adoção dado por Paulo de Tarso em sua quarta carta aos Gálatas:

Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama Abba, Pai. Assim que já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo (Gl.4, 4-7)

Uma vez tocado pela centelha divina, por esta compaixão que faz com que a criatura deseje apenas a aniquilação das vontades do mundo material, impõe-se uma atitude de recolhimento em uma jornada interior, ao mesmo tempo em que sairá de si em busca do conhecimento profundo de Deus. Lançada nessa estrada de mão dupla, a criatura chegará ao seu destino final quando o seu “eu” desaparece, alcançando uma unificação com o Pai. O aniquilamento era desejado pelas beguinhas, mas parte do processo dependia da autorização de Deus, que marcava os encontros com os místicos. Como então atrair a atenção de Deus? Como conquistar aquele que Marguerita Porete chama de “amante, amado, amor”? A resposta encontrada pelas beguinhas foi abandonar-se no amor e na sua linguagem, mas de uma forma diferenciada dos teólogos, inserindo elementos provenientes da cultura vulgar medieval.

O trânsito constante pela vida mundana colocou as beguinhas em contato com o imaginário da época, povoado por castelos, guerras, conquistas, histórias de cavalaria e amores impossíveis. Deste universo sai parte do conceito de amor cortês, cujas raízes encontram-se nos trabalhos de

Ovídio. A ideia exposta por Ovídio de que o amor é uma guerra e o amante, um guerreiro que está sempre submisso aos desejos femininos, ganhará uma tonalidade mais dramática e sacrificial na voz dos trovadores medievais. O amor, aqui, como sabemos, era encarado como uma arte cheia de regras a serem seguidas. O amante submetido aos desígnios de Eros deveria se consumir no serviço de amar a uma mulher inatingível. O objeto de seu amor pertencia a outro, pois não era concebível amar sem sentir ciúmes. A mulher amada era uma dama, de posição social elevada, arrogante e exigente. O seu papel dentro da arte do amor era passível, pois apenas o homem é quem se movia neste jogo que culminava sempre com a insatisfação. As beguinhas encontram nesta manifestação da cultura laica uma nova possibilidade para alcançar a transformação de suas almas. Invertem o papel delegado às damas, assumindo a tarefa de trovadoras, intituladas por elas de Dama Amor, que irão tentar conquistar o seu amor, criando o que hoje é conhecida como mística cortês.

Margarita Porete revela logo no início de sua obra *Espejos*, a influência da cultura profana fazendo referências ao *Roman d’Alexandre*, comparando sua relação com Deus à da princesa apaixonada pelo rei Alexandre, o grande. Esta princesa vivia em um reino distante e nunca havia encontrado o rei. Margarita afirma que nenhum outro amor poderia substituir este que havia invadido a princesa. Tomada pela dor de não concretizar seus desejos e para amenizar a distância, a princesa manda pintar um retrato do rei. E é através desta imagem que o amor irá, de alguma forma, tornar possíveis os encontros com o ser amado. Logo em seguida, Margarita de Porete revela que a alma (Deus) que a mandou escrever *Espejos* havia confessado que seu amor se desenvolverá de maneira semelhante:

De forma semelhante, dice El Alma que hizo escribir este libro, como os digo, oí hablar de un rey de gran poder, que por su cortesía y por su grandísima nobleza y generosidad era como un noble Alejandro; pero se encontraba tan lejos de mí y yo de él, que no sabía cómo encontrar consuelo, y para que me acordase de él, me dio este libro que representa de una cierta forma su amor. Pero aunque tenga su imagen, no deja de estar, igual que yo, en un país extranjero y lejos del palacio en el que habitan los muy nobles amigos de este señor, que son todos puros, refinados y libres por los dones de este rey con el que viven. (PORETE, 2000)

A diferença que notamos entre o *Roman d’Alexandre* e *Espejos* encontra-se no fato de que, neste, o rei / Alma entrega a sua imagem para aquela que o ama. E assim acontecia com todas as beguinhas místicas. Habitantes do reino material, todas ansiavam pelo encontro com este amor de um reino longe do alcance de seus olhos. Todas, nele, pensavam frequentemente e eram invadidas por um desejo de ir ao seu encontro, descobrir sua morada e receber

alegremente as dádivas que o Amado poderia ofertar-lhes. O Amado das beguinhas é caridoso e benevolente, podendo, sempre que Lhe seja desejado, convidá-las para encontros breves. O chamado sempre ocorre em qualquer momento, sem nenhum aviso prévio. Aos instantes de torpor, no qual a convidada é impelida a um estado de sono, seguem várias sensações físicas que irão desligando lentamente a alma de sua vida terrena.

(...) mis sentidos fueron atraídos hacia el interior: un espíritu terrible como una fuerte tempestad me hizo entrar desde el exterior en mí. Desde el interior, fui elevada en espíritu. (...) Me acercaba a Dios. Él me envolvió desde el interior, en mis potencias y me elevó en espíritu.” (PORETE, 2000)

A força que arrasta Margarita de Porete, e outras beguinhas, é violenta. Esta presença só pode ser brutal porque dentro da mística cortês, Deus também sofre da inquietude nascida do desejo. Não é apenas o coração da criatura que arde, o Criador também não consegue se controlar. É por encontrar-se fora de si, que Deus necessita a presença da Dama Amor. O caminho percorrido pelas Damas até Deus é realizado através de um processo de desenlace entre a alma e o corpo, deixando estes dois elementos em uma ligação tênue o suficiente para que a alma não se liberte completamente da matéria, mas tenha liberdade de exercer seus sentidos, abafados quando em estado de vigília. Uma vez encerrada a peregrinação da alma, esta vê diante de seus olhos, o reino do Amante ser descortinado, como nos mostra Matilde de Magdeburgoem *La luz resplandeciente de la divinidad*:

Cuando la pobre alma llega a la corte, se muestra prudente y cortés, y mira a Dios con alegría. ¡Ah, con cuánto amor se la recibe allí! Ella calla, deseando inmensamente que Él la acoja. Él, entonces, le muestra con intenso deseo su corazón divino: se asemeja al oro rojo ardiendo en un gran fuego de carbones. Luego la pone en su corazón ardiente, de modo que el alto príncipe y la pequeña sirvienta se abrazan uniéndose como el agua y el vino. El alma, anonadada y fuera de sí, como no pudiendo ya más; Él, enfermo de amor por ella, como siempre lo estuvo, pues no hay (en este deseo) ni crecimiento ni merma. Y ella habla de este modo: ‘Señor, tú eres mi consuelo, mi deseo, mi fuente y mi sol, y yo soy tu espejo’. Así es el viaje a la corte del alma amante, que ya no puede estar sin Dios. (MAGDEBURGO, 1998)

O amor é a palavra-chave desta experiência. É ele que promove a luz e permite a união dos amantes. A luz é a consequência do transbordamento da alma amante, fazendo com que ela se abra à presença de Deus e Seu amor, aniquilando-se e tomando conhecimento das verdades eternas. Este processo fez com que as beguinhas produzissem

trechos que colocavam em questão os ensinamentos e a autoridade da Igreja, chegando a afirmar que, nos breves encontros com Deus, Este revelava que o Alto Clero não conhecia a natureza divina, e por isto se lastimava. Em *La luz resplandeciente de la divinidad*, Matilde de Magdeburgo relata uma fala de Deus justificando a Sua escolha por estas mulheres que não pertenciam a nenhuma ordem clerical:

Hija mía, más de un hombre sabio ha perdido por negligencia, En el largo camino de los ejércitos, su valioso oro,

Que pretendía emplear para dirigirse a las escuelas superiores.

Ahora, es menester que alguien lo encuentre.

Por naturaleza lo he retenido tantos días:

Cuando quiero hacer algún don extraordinario.

Busco siempre el lugar más bajo,

El sitio más ínfimo, más oculto.

Las montañas más altas no pueden recibir la misión

De revelar mis gracias,

Pues la corriente de mi Espíritu Santo

Fluye por naturaleza hacia el valle.

Hay muchos sabios, maestros en Escrituras,

Que no son sino necios a mis ojos.

Y aún te diré más:

Ante ellos, es para Mí gran honor

Y refuerza enormemente a la santa cristiandad

Que una boca desnuda de instrucción

Enseñe por mediación de mi Espíritu Santo la lengua instruida.

(MADGEMBURGO, 1998)

O contato com o mundo espiritual era encarado por estas mulheres como uma oportunidade de orientação interior, impulsionando sua alma para purificar-se até o ponto que esta se perderia na simplicidade de Deus. Reconhecia-se o estado inicial imperfeito da alma, mas também se tinha consciência de que, através do êxtase e das visões, se chegaria a uma total identificação das beguinhas com o Criador de todas as coisas. Uma vez fundidas em Deus, estariam aptas para conhecer os mistérios da Criação. Este trecho de *La luz resplandeciente de la divinidad* é uma estratégia, encontrada por Matilde, para legitimar o discurso. A experiência de amor destas místicas estava atrelada ao desejo pelo conhecimento, o desejo não era meramente erótico. A mística especulativa pregava que o amor estaria ligado à verdade e à inteligência, como vimos anteriormente. Então, os encontros com o Amado, o desejo constante de encontrá-Lo tinha um significado mais amplo do que um enlace enamorado. Deus as havia escolhido para serem vasos comunicantes. Através destas mulheres, negadas de possuírem uma instrução compatível

com as possibilidades para os homens, a vontade divina seria revelada. A alma arrebatada para o reino celeste trazia a mensagem de que apenas através dos ensinamentos de Cristo, a sociedade cristã encontraria a paz. Nestas mensagens, Deus pedia que os homens amassem uns aos outros, pois descobrindo como amar e colocando este sentimento em prática, a humanidade se libertaria do orgulho e da vaidade. Tais afirmações poderiam abalar o poderio católico que manipulava os fiéis através do medo da ira de Deus e os incitava à salvação pela venda de indulgências. As beguinhas, ao contrário, revelavam que a salvação se encontrava no amor e no exercício da auto-vigilância.

O caráter destas revelações e a volta ao mundo material faz surgir nestas místicas uma sensação de impaciência e dor. Uma vez tocadas pela luz divina, não encontravam mais consolo na Terra. A alma nada mais anseia que seu Criador, enquanto teria que suportar o cativo da vida até o dia que Ele quisesse. Matilde de Magdeburgo, por exemplo, se confessa ferida por amor, necessitada de gozar o beijo de Deus, único capaz de aplacar suas dores e refrescar a sua alma de todas as necessidades humanas:

Te grito con el deseo, con clamor de desterrada; Te espero con el corazón angustiado, sin conocer reposo; Ardo sin consumirme con el ardor de tu amor; Te sigo, date prisa corriendo con el aroma de tus perfumes. (...) Estoy herida de muerte por el dardo ardiente de tu amor. Y no me aplicas unguento que calme mi dolor” (MAGDEBURGO, 1998)

Aqui encontramos uma mulher que sofre a ausência de seu amado, invertendo os papéis do amor cortês. A ausência do amante sugere que a dama amor deverá conseguir conquistá-lo por completo, mostrando-se devota através de testes de sacrifício e fidelidade. A resignação também pode ser encarada como uma etapa do processo de conquista, pois a beguina deve-se mostrar feliz diante das enfermidades e desgraças que assolam a sua vida. A passagem acima transcrita revela imagens que podem nos levar a crer que a experiência amorosa das beguinhas se assemelha a da noiva do *Cântico dos Cânticos*. O que encontramos nestes dois textos é uma mulher que lamenta a ausência do seu amado, vive entre o encontro e a partida, consegue se sentir amada mesmo quando não recebe nenhuma notícia do seu amado, mas mesmo assim está inquieta. A ausência, nas beguinhas, era mitigada pelas preces, numa atitude de tentar captar sua presença. Elas sabiam que deveriam esperar pelo convite, mas esta espera não deveria ser meramente passiva. Enquanto o Amado estava longe, as beguinhas se prepararam para o reencontro. Cada encontro com o Criador era interpretado como um passo a mais para o casamento, porque estas místicas sabiam-se mulheres e conheciam seus desejos, não se contentando com uma possível identificação com a Virgem Maria:

(Los sentidos)
Dama, si queréis refrescaros en el amor,
Inclinaos sobre el seno de la Virgen
Hacia el niño, y mirad y gustad
Cómo él, la alegría de los ángeles,
Ha mamado de la Virgen eterna la leche
sobrenatural.

(El alma)
Es un amor infantil
Amamantar y acunar a un niño;
Soy una esposa adulta
Y quiero seguir mi amado.
(MAGDEBURGO, 1998)

Logo em seguida, *Los sentidos* afirma para Matilde que tal união é impossível, pois sua natureza humana imperfeita sucumbiria se permanecesse ao lado do Amado por um período longo. O fogo divino cega os seres imperfeitos. *Los sentidos* assegura para Matilde que ela deve se contentar com o casamento espiritual, pois este é o mais conveniente para a situação. O amor infantil negado pela beguina seria mais um caminho para depurar o espírito e deixá-lo mais próximo de Deus. Assim, ela iria transformar-se em mãe espiritual e cuidar dos doentes, pobres, orientar os sofrendores através da prece e dos ensinamentos do Cristo. Por dados instantes, a beguina se contenta com esta posição, mas não por muito tempo:

Dios ha concedido a todas las criaturas ser acordes con su naturaleza. ¿Cómo podría yo resistirme a la mía? Tuve que dejarlo todo para acercarme a Dios, que es mi Padre por naturaleza, mi Hermano por humanidad, mi Esposo por amor, y yo soy suya sin comienzo. ¿Creéis que no siento mi naturaleza? Puede quemarme intensamente y con su consuelo refrescarme”. (MAGDEBURGO, 1998)

Matilde de Magdeburgo conhece os perigos de permanecer muito tempo perto de Deus, mas como o amor é um jogo, ela está disposta a arriscar-se, porque a essência do seu Criador poderá, também, refrescá-la. Assim como os trovadores, as beguinhas reconhecem a superioridade do ser amado, mas ao contrário daqueles, não se contentam com um amor não-realizado. Assim como o *fin amant*, as candidatas à esposa de Deus, passam por momentos de rebelião, no qual a espera não é suficiente. Elas cortejam a Deus através de atos caridosos e do recolhimento. É no silêncio que estariam as armas da conquista. Amar o nada, fugir do chamado mundano, consolar os doentes, colocar-se sempre em segundo plano, sofrer e encontrar-se feliz no sofrimento. Encontramos aqui um caminho de despojamento do *eu*, com o objetivo de alcançar a essência da alma, que seria desejar e amar apenas a Deus. E a dama amor sabe que pode conquistar definitivamente o seu Amado. Tanto é que Matilde de Magdeburgo afirma ter despedido sua alma para Deus e diante de tal visão *él se da a ella y ella se da a él*. O casamento se consuma, mesmo

que os esposos tenham que viver em casas separadas. Uma vez casada, a dama amor retorna ao seu reino material, onde irá permanecer de maneira mais tranqüila porque sabe que atingiu o seu objetivo. A dama amor já não se auto-referencia como noiva, mas como esposa e esta sua condição lhe permite convidar às demais criaturas para a corte de seu Esposo. Ela seria a porta de entrada:

Envío a las criaturas a la Corte
Y les ordenó glorificar a Dios por mí
Con todo su sabiduría,
Con todo su amor,
Con toda su belleza,
Con todo su deseo,
Tal como fueron creadas por Dios en su integridad,
Y también con todas sus voces,
Tal como ahora cantan
Cuando contemplo esta gloria excepcional
No siento mal en ninguna parte.
(MAGDEBURGO, 1998)

Tais escritos quando caíram nas mãos da Igreja causaram uma sensação desconcertante, pois não era concebível que mulheres pudessem escrever sobre temas teológicos, muito menos com tanta habilidade. Além do mais, o clero detectou nestes escritos o relato da existência de uma vida amorosa. Mesmo entregues ao celibato, as beguinas relatavam sentir as mesmas sensações que uma mulher do mundo. O contato com Deus gerava ciúmes, ansiedade por reencontro, saciamento dos desejos e vontade de saciá-los novamente. Tal comportamento é encarado pelo Santo Ofício como uma prova de que estas mulheres eram vasos comunicantes de seres demoníacos. Filhas de Eva, as mulheres eram seres inclinados aos pecados da vaidade, infidelidade, luxúria e desobediência. Apenas os homens tinham autoridade para controlá-las e evitar que estas cedessem às investidas do diabo. As beguinas, como vimos anteriormente, não deviam obediência à homem algum e isto era mais do que suficiente para levar a crer que este grupo de mulheres havia sido tomado pelo demônio. O Santo Ofício avisa para os fieis que os escritos místicos das beguinas poderiam arrastá-los ao inferno e que se fazia necessário cerrar esta porta de comunicação com o mundo espiritual. Assim, Margarita Porete é queimada na fogueira no ano de 1310, acusada de heresia, de ultrapassar e transcender as escrituras, por errar nos sacramentos e usar a palavra com o objetivo de prejudicar a Igreja Católica Apostólica Romana. O mesmo destino terão várias outras beguinas anônimas. Matilde de Magdeburgo, para fugir das perseguições, faz os votos e se consagra freira no convento cisterciense de Helfta, aí permanecendo até a sua morte em 1282. Através de tais atitudes, a Igreja acreditava estar silenciando as vozes destas mulheres e afastando sua influência das demais. Todavia, o pensamento destas mulheres conseguiu permanecer de maneira sutil nos séculos vindouros, servindo de inspiração para outras

místicas que nasciam no seio da Igreja Católica entre os séculos XVI e XVIII.

Referências

DE PALUMBO, Cecilia Inés Avenatti. (2010). *Los siete modos de Amor de Beatriz de Nazareth: caleidoscopio estético-místico del deseo de Dios*. Vº Jornadas de Filosofía Medieval Reflexiones de hoy motivadas por pensamientos de ayer. Buenos Aires. Academia Nacional de Ciencias de Buenos Aires, 20 a 23 de abril de 2010. CD-rom ISBN 978-987-537-102.

_____. (2009). *Desborde y herida de amor en la poesía mística de Hadewijch de Amberes*. Revista Teología, Tomo XLVI, N° 99, Agosto 2009: 267-280.

_____. (2009). *El imaginario de La luz mística cortés de Matilde de Magdeburgo. Continuidad y transformación de la herencia hildegardiana en el siglo XIII*. Teología 0328-1396. Vol. XLVI Num. 100. Disponível em: <http://www.hildegardadebingen.com.ar/Avenatti_2.html>. Acesso em: 1 jan. 2011.

ÉPINEY-BURGARD, Gerogette; ZUM BRUNN, Émilie. (1998). *Mujeres trovadoras de Dios. Una tradición silenciada de la Europa Medieval*. Barcelona. Paidós.

FALBLE, Nachman. (1999). *Heresias Medievais*. São Paulo. Perspectiva.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. (1993). *In memory of her: a feminist theological reconstruction of Christian origins*. New York. Crossroad Publishing company.

HALL, James R. (1980). Gender differences in the description of erotic and mystical experiences. *Review of Religious Research*. Vol. 21, No. 2, pp. 195-207. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 08 mai. 2012.

LIBERA, Allan de. (1999). *Pensar na Idade Média*. São Paulo. Editora 34.

LUZIE, Marta. (2001). “Eckhart e as beguinas: acerca do espírito de pobreza”. Atas da IV Semana de Estudos Medievais Rio de Janeiro. PEM. p.201-105. Disponível em: <<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AtasIVSem.pdf>>. Acesso em: 18 maio. 2011.